



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma "antropografia" (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Por uma escritura do corpo como oráculo

Autoria: Augusto Maciel Waga (RJ)

A investigação sobre o que procuro chamar de "oráculo corporal" surge das preocupações de pesquisa em torno da temática da "percepção extrassensorial", ou "mediunidade", entendidas, aqui, como habilidades corporais/incorporadas (embodied). No decurso de três anos de pesquisa, em contato com cartomantes, oraculistas e videntes no Rio de Janeiro, construiu-se, coletivamente, o Grupo de Experimentações em Oráculo Corporal (GEOC), resultado de um esforço coletivo de um grupo de seis oraculistas cariocas. Nossa hipótese de pesquisa é que a percepção extrassensorial, como é chamada, na verdade, não está além dos sentidos do corpo, integrando, todavia, uma modulação das atenções do corpo que requer escuta corporal específica. O oráculo corporal surgiu como um processo de pesquisa que integra a propriocepção, entendida como percepção do corpo enquanto modulação das atenções relacionais segundo Caroline Potter, que é ativada em cenas construídas a partir de demandas dos consulentes. Nesse sentido, o oráculo corporal integra dimensões da dança, artes da cena e sincronidades, em que são ativados movimentos significativos espontâneos que integram cenas construídas para as demandas dos consulentes, as mais diversas: desde



problemas familiares até profissionais; da saúde à espiritualidade. O projeto conta, ainda, com a leitura imago-poética do Tarô, enquanto recurso oracular, na esteira da semiótica do Tarô de Inna Semetsky. O projeto procura articular uma desterritorialização da cultura visual e do logocentrismo, a partir da categoria escritura, de Jacques Derrida, partindo de uma escritura que integra corpos em relação, oráculo e escrita. Foram realizados 10 encontros com 6 membros fixos do GEOC, variando o número de consulentes. Explorarei, a título de uma investigação preliminar, a partir do registro escritural e cartomântico/cartográfico dos encontros, traçar os rastros que conectam oráculo e corpo no bojo desses encontros. Nossa pergunta de pesquisa, antes de uma hipótese, constitui uma metapergunta, sobre como podemos registrar escrituras de acontecimentos, que operam, muitas vezes, como catarses, cujos significados escapam às representações e simbolismos? Para isso, propomos discutir sobre a sobrevivência das imagens no Ocidente, a partir de Aby Warburg, até a tensão entre a apresentação e a representação das imagens, a partir de James Hillman, passando por Tim Ingold, que propõe, em consonância com o projeto, uma habitação dos domínios da imagem e do corpo, capaz de traçar linhas de vida.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: